

# Os Emirados Árabes Unidos, África e Angola na nova Rota da Seda

GUSTAVO PLÁCIDO DOS SANTOS

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)

Em Junho de 2015, o Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, realizou uma curta digressão por Pequim e Abu Dhabi. As visitas surgem numa altura complicada para Angola: os baixos preços do petróleo afectaram gravemente as finanças nacionais, colocando em risco o desenvolvimento socio-económico e a própria estabilidade política.

Tendo em conta a proximidade entre Luanda e Pequim, a visita à China não surpreende. A deslocação visou garantir a continuidade das encomendas chinesas de petróleo, alargar as relações económicas a sectores não petrolíferos, garantir melhores condições para os empréstimos de Pequim e, igualmente importante, angariar parte dos 10 mil milhões de dólares que Luanda necessita para assegurar a construção de infra-estruturas.<sup>1</sup>

Por seu turno, a escala em Abu Dhabi é também vital para os interesses angolanos. Os Emirados Árabes Unidos (EAU) têm investido activamente no continente africano, nomeadamente em infra-estruturas e têm-se assumido como um país central na nova rota da seda, i.e. nas “rotas comerciais que ligam a Ásia com o Médio Oriente, África e América Latina”, e que se preparam “para revolucionar a economia global”.<sup>2</sup>

Como resultado da sua localização no centro dos novos corredores comerciais e das excelentes infra-estruturas logísticas e de transportes, o Dubai gere hoje quase 80% das importações, exportações e reexportações dos EAU, servindo como hub das economias emergentes da Ásia para outras regiões do globo. O porto do Dubai, Jebel Ali, é o nono mais movimentado do mundo e um dos mais importantes hubs de transshipment do mundo. Por outro lado, o Aeroporto Internacional do Dubai é o sétimo mais movimentado do mundo e o líder global em termos de ligações aéreas.<sup>3</sup>

Dada a afirmação dos EAU como eixo do comércio global e o facto de ser um oásis de estabilidade numa região turbulenta, várias multinacionais usam o Dubai como base para as suas operações em África e no Médio Oriente.<sup>4</sup>

---

das exportações chinesas serão para outros países emergentes, enquanto que a Índia e o Brasil enviarão 83% das suas exportações ao longo dessa rota. Stephen King, “The Southern Silk Road” (*HSBC Global Economics*, Julho de 2011), p. 3.

1 Andrew England “Angola seeks \$10bn for infrastructure despite oil price collapse” (*Financial Times*, 22 de Abril de 2015).

2 A maioria das exportações do Brasil e da Índia destinam-se a outros países do Sul, sendo que as da China vão em perto de metade. Por volta de 2050, 73%

3 Um novo aeroporto está a ser construído na área de Jebel Ali, o qual, aquando da sua inauguração em 2020, tornar-se-á no líder mundial em termos de transporte aéreo de carga. Natalie Robehmed, “How Dubai Became One Of The Most Important Aviation Hubs In The World” (*Forbes*, 4 de Junho de 2014).

4 Exemplo da Nestlé, da Louis Dreyfus, do Grupo MIDCOM e da Huawei.



### A viragem dos Emirados Árabes Unidos para África

Os EAU, e em particular o Dubai, têm vindo a aprofundar o seu envolvimento no continente africano. Estima-se que as trocas comerciais entre o Dubai e África estarão avaliadas em 35 mil milhões de dólares.<sup>5</sup> De realçar que as relações económicas têm vindo a ser diversificadas para além de recursos energéticos: desde 2002 que o comércio não petrolífero com África aumentou mais de 700%, crescendo 141% entre 2008 e 2013.<sup>6</sup> A maioria dessas trocas são realizadas na forma de reexportações, tornando o continente africano no mercado com maior crescimento para o Dubai.<sup>7</sup>

Várias empresas dos EAU têm também investido no continente africano, nomeadamente em transportes, portos, telecomunicações e turismo. Estes investimentos impulsionam o desenvolvimento de infra-estruturas, as quais servem para melhorar a conectividade interna e externa do continente. É de facto o défice infra-estrutural em África que tem provado ser um dos obstáculos ao desenvolvimento das economias africanas e a uma maior integração regional.

Ora, quando considerando que 90% do comércio mundial é feito por via marítima, o desenvolvimento das ligações marítimas dos países africanos será um elemento dinamizador das suas relações comerciais globais e regionais, bem como das suas economias. Neste contexto, a Dubai Ports World (DP World), o quarto maior operador portuário do mundo, tem investido activamente em África, desenvolvendo e gerindo portos, e formando pessoal qualificado.

As ligações aéreas são também elas centrais para o desenvolvimento económico e integração regional, com a Emirates a ter um papel importante neste aspecto. A companhia aérea

é hoje a mais importante transportadora de carga e de passageiros em vários mercados africanos — voos directos para 25 destinos — e tem planos para criar novas rotas. África é importante para a estratégia da empresa: durante o ano financeiro de 2013-2014, o continente contribuiu para 9,6% das suas receitas, as quais têm crescido 15,1% anualmente.<sup>8</sup>

Por outro lado, o Dubai tem atraído cada vez mais negócios africanos, os quais olham para o emirado como base de operações para realizar trocas comerciais com África. A Câmara de Comércio e de Investimento do Dubai (CCID) tem realizado esforços para atrair empresas africanas para o seu território — o número de empresas africanas registadas na CCID aumentou 171% entre 2008 e Junho de 2014 —,<sup>9</sup> organizou dois *Global Africa Business Forum*, e tem escritórios na Etiópia e no Gana — pretende abrir outros em Angola, Nigéria, África do Sul e Quénia. Importa também notar que quatro dos principais bancos chineses e 20 indianos já se estabeleceram no Dubai, com vista a usar o território como plataforma de operações para África.<sup>10</sup>

Durante a primeira metade de 2014, a China foi o principal parceiro comercial dos EAU, sendo que quase 60% das exportações chinesas passam pelos EAU, de onde são re-exportadas para África e Europa. Com o crescente envolvimento da China em África, cada vez mais homens de negócios têm viajado para o continente africano, com o Dubai a servir de ponto de passagem. Acresce que existem actualmente mais de 3000 empresas chinesas registadas no Dubai.<sup>11</sup>

Igualmente relevante é o facto de mais de 2000 empresas chinesas terem investido em África ao longo da última década,

Durante a primeira metade de 2014, a China foi o principal parceiro comercial dos EAU, sendo que quase 60% das exportações chinesas passam pelos EAU, de onde são re-exportadas para África e Europa. Com o crescente envolvimento da China em África, cada vez mais homens de negócios têm viajado para o continente africano, com o Dubai a servir de ponto de passagem. Acresce que existem actualmente mais de 3000 empresas chinesas registadas no Dubai.

do para o continente africano, com o Dubai a servir de ponto de passagem. Acresce que existem actualmente mais de 3000 empresas chinesas registadas no Dubai.<sup>11</sup>

Igualmente relevante é o facto de mais de 2000 empresas chinesas terem investido em África ao longo da última década,

5 Sarie Khalid, "Dubai is Africa's emerging trade and financing hub" (*Khaleej Times*, 2 de Novembro de 2014).

6 John Bambridge "Chamber of Commerce chief details the rise of the gateway emirate" (*Gulf Africa Review*, 14 de Setembro de 2014).

7 "Dubai Chamber seeks stronger economic ties with African countries" (Dubai Chamber of Commerce and Industry, 18 de Dezembro de 2013).

8 Londiwe Buthelezi, "Emirates grows African revenue as profit soars" (*Business Report*, 9 de Maio de 2014).

9 "Chamber of Commerce chief details the rise of the gateway emirate".

10 Simeon Kerr, "Dubai becomes centre for Mideast-Africa trade" (*Financial Times*, 25 de Novembro de 2014).

11 Em 2015 eram 18. "China to overtake India to become Dubai's largest trading partner for 2014" (*Emirates* 24/7, 17 de Dezembro de 2014).



esperando-se que até 2020 o investimento directo estrangeiro chinês no continente quadruplique e as trocas comerciais dupliquem.<sup>12</sup>

Dito isto, é possível concluir que à medida que as relações entre a China e os EAU se aprofundam e os laços entre a China e África aceleram, os EAU estarão cada vez mais estrategicamente localizados para assumir o papel de porta de entrada da China para o continente africano. Angola, como potência africana e parceiro estratégico da China, está bem posicionada para beneficiar ao máximo dessa tendência.

### Os EAU como parceiro estratégico de Angola

São precisamente os países do Sul que se têm vindo a assumir como os principais parceiros comerciais de Angola. Durante o primeiro trimestre de 2015, Portugal deixou de ser o principal fornecedor de Angola, ficando atrás da Coreia do Sul (21,5%) e China (16,8%). Por outro lado, a China lidera o mercado de exportação angolano com 43,9%, seguido pela Índia com 7,7%.<sup>13</sup>

Estima-se que haja cerca de 500 empresas chinesas a operar em Angola e que um quarto dos chineses a viver em África esteja baseado no país (260 mil). Para além disso, Luanda é um dos principais parceiros africanos de Pequim e o seu segundo maior fornecedor de petróleo. Angola tem também beneficiado do desenvolvimento de infra-estruturas por empresas chinesas e é cada vez mais visto como um promissor mercado de consumo para exportações chinesas. Ora, o aprofundamento de laços entre Luanda e Abu Dhabi poderá impulsionar esta relação.

No que respeita aos interesses dos EAU, Angola tem sido crescentemente visto como um mercado de elevado potencial, não apenas no domínio comercial — décimo maior exportador para Angola no primeiro trimestre de 2015 —,<sup>14</sup> mas também em termos de investimento. Em Setembro de 2013, o presidente da CCID, Abdul Rahman Saif Al Ghurair, afirmou que a economia angolana apresenta boas oportunidades de investimento para empresas do Dubai em vários sectores.<sup>15</sup>

Os 19 mil milhões de dólares prometidos, em Setembro de 2014, por empresas dos EAU a países da África Ocidental para a construção de infra-estruturas através de parcerias público-privadas (PPPs),<sup>16</sup> terá chamado a atenção de Luanda para o potencial dos EAU em satisfazer as necessidades de financiamento de Angola. Aquando da visita a Abu Dhabi, José Eduardo dos Santos expressou interesse na criação de PPPs com

empresas dos EAU para “dar continuidade à construção das suas infra-estruturas” e impulsionar “a diversificação da sua economia”.<sup>17</sup>

De facto, um número de empresas dos EAU tem já investido em Angola, dando um contributo importante para a tão desejada diversificação económica: a Dubai Investments está a analisar a possibilidade de desenvolver um parque industrial em Angola;<sup>18</sup> o Abraaj Group anunciou, em 2014, a saída com sucesso de um investimento na empresa industrial angolana Fibrex;<sup>19</sup> a Emirates assinou, em Setembro de 2014, um acordo com a Transportadora Aérea de Angola (TAAG) — da qual é o principal accionista — para gerir a empresa angolana durante 10 anos e cooperar em oportunidades comerciais em África; e os grupos hoteleiros Rotana e Jumeirah pretendem explorar o mercado do turismo em Angola.<sup>20</sup>

O sector mineiro é também central nesta relação. Angola é o quarto maior produtor de diamantes em termos de valor, sendo que quase metade das suas exportações são destinadas ao Dubai — de onde são re-exportados para outros países. O comércio de diamantes no Dubai cresceu de tal maneira que em 2013 e 2014 estava avaliada em quase 35 mil milhões de dólares.<sup>21</sup>

Dito isto, importa notar que os diamantes são a segunda principal fonte de receitas de exportação a seguir ao petróleo, não obstante representar apenas 2% do total de exportações. Em 2013, o vice-presidente de Angola, Manuel Vicente, reiterou que a indústria de diamantes será uma prioridade para o país durante a próxima década, tendo para isso o governo desenhado um plano estratégico geológico para desenvolver o sector dos minérios até 2025.<sup>22</sup>

Ao estar localizado no centro da nova rota da seda, o Dubai tem vindo a adquirir cada vez mais o estatuto de hub do comércio global de diamantes, abrindo portas para a concretização do objectivo angolano de usar o sector diamantífero como dinamizador económico.

Em suma, Angola tem no Dubai um parceiro estratégico para desenvolver e construir infra-estruturas essenciais, impulsionar as exportações e assim contribuir para a diversificação da sua economia.

### Conclusão

A nova rota da seda promete mudar radicalmente os padrões de comércio e de investimento internacional. Os EAU, e o Dubai em particular, beneficiam das extensas ligações aéreas e marítimas, processos alfandegários eficientes e instalações mo-

12 Denise Leung e Lihuan Zhou, “Where Are Chinese Investments in Africa Headed?” (*World Resources Institute*, 15 de Maio de 2014).

13 A liderança da Coreia do Sul é pontual, dado os valores reduzidos em períodos prévios. “Estatísticas de Comercio Externo” (Instituto Nacional de Estatística de Angola, 2015).

14 *Ibid.*

15 Como infraestruturas, transportes, agricultura, turismo, logística, banca e indústria. “Dubai Chamber examines business opportunities in Angola” (*Albawaba*, 9 de Setembro de 2013).

16 “UAE firms sign contracts worth \$19bn for West Africa” (*Arabian Business*, 10 de Setembro de 2014).

17 “Angola: Presidente da República convida empresários dos Emirados Árabes Unidos a investir no país” (*Agência Angola Press*, 15 de Junho de 2015).

18 “Dubai Investments invests in industrial park in Angola” (*Macaublog*, 19 de Março de 2015).

19 Produz materiais para a indústria construtora em Angola. “Abraaj successfully exits first investment in Angola” (*Gulf Africa Review*, 17 de Agosto de 2014).

20 Sananda Sahoo, “Rotana leads UAE hotels checking in to Africa” (*The National*, 15 de Janeiro de 2015).

21 Stian Overdahl “The New Diamond Capital” (1 de Abril de 2015).

22 O petróleo representa 97%. Avi Krawitz “Angola, 100 Years Later.” (*Diamond.net*, 28 de Junho de 2013).



dernas de transporte e logística, para se consolidarem como o principal actor logístico do Médio Oriente e se afirmarem como eixo central do comércio e investimento global.

O sucesso do emirado do Dubai é directamente relevante para o continente africano, podendo este impulsionar o comércio e investimento entre países africanos. De facto, tal como os dados das interações dos EAU com África demonstram, as relações entre os dois têm tudo para ser aprofundadas e melhoradas em todos os domínios.

A importância de África para a economia do Dubai irá seguramente aumentar à medida que os Emirados emergem como o próximo grande hub logístico. Os investimentos estratégicos em África, como no caso da DP World e da Emirates, apontam para a crescente consideração estratégica com que os EAU olham para o continente. Dito isto, África tornar-se-á crescentemente vital para os interesses dos EAU, em termos de diplomacia, comércio e investimento externo e, inevitavelmente, segurança nacional.

Tendo em conta a aproximação entre os EAU e o continente africano, a visita do Presidente angolano a Abu Dhabi é nada menos do que uma necessidade estratégica. Por força do impacto da redução dos preços do petróleo nas finanças nacionais de Angola, o governo de Luanda precisa urgentemente de diversificar a economia nacional e garantir fontes de financiamento sob pena de mergulhar o país numa crise socio-económica e ameaçar a estabilidade política.

É um facto que o Brasil e a China são os grandes financiadores e pilares da construção de infra-estruturas. No entanto, urge reconhecer que a superação dos desafios económico-financeiros de Angola exige alargar o leque de parceiros estratégicos. Ora, a disponibilidade financeira e experiência do sector empresarial dos EAU, juntamente com a afirmação do país como hub comercial, de investimento e financeiro, serve esse propósito, contribuindo para a diversificação da base de exportações e desenvolvimento económico de Angola.

**EDITOR** | Paulo Gorjão

**EDITOR ASSISTENTE** | Gustavo Plácido dos Santos

DESIGN | Atelier Teresa Cardoso Bastos

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)  
Rua da Junqueira, 188 - 1349-001 Lisboa  
PORTUGAL

<http://www.ipris.org>  
email: [ipris@ipris.org](mailto:ipris@ipris.org)

IPRIS Comentário é uma publicação do IPRIS.

As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente as opiniões do IPRIS.

Parceiros



Mecenas

